

UMA VISÃO HERMENÊUTICA DA RELIGIÃO EM FEUERBACH

A HERMENEUTICS VISION OF RELIGION IN FEUERBACH

Matêus Ramos Cardoso¹

RESUMO: Deus não passa de uma projeção humana, é a essência humana projetada; a partir do processo de alienação da essência humana está marcada a origem da religião e de Deus. Pois, o homem ao se desconhecer imagina o gênero como um indivíduo, concedendo a ele toda a finitude do gênero. Esta é a característica do homem religioso, acreditar que Deus está fora do homem, enquanto na verdade é o próprio homem projetado para fora de si. O objetivo de Feuerbach não é simplesmente, através da redução acabar com Deus e com a religião, mas reapropriar ao homem sua essência, que está projetada em Deus, ou seja, percebendo como o olhar da religião propicia um olhar para a essência humana.

PALAVRAS-CHAVE: Deus. Essência. Alienação. Religião. Feuerbach.

ABSTRACT: God is merely a human projection, is projected human essence; from the process of alienation of the human essence is marked the origin of religion and God. For the man is unknown imagines the genre as an individual, giving him all the finitude of the genre. This is characteristic of the religious man, believe that God is outside of man, while in fact it is the man himself projected out of himself. The goal of Feuerbach is not simply by reducing end with God and religion, but reappropriate man his essence, which is projected in God, that is, realizing how the look of religion provides a look at the human essence.

KEY-WORDS: God. Essence. Alienation. Religion. Feuerbach.

INTRODUÇÃO

Na tentativa do homem se compreender, deve-se buscar entendê-lo em todas as suas dimensões: intelectual, emocional, relacional, corporal e religiosa. A relação do homem com o Absoluto está presente nas mais variadas culturas, por que não dizer, em todos os povos, de forma direta ou indireta, de forma imanente ou transcendente. Através dos tempos, a religião se caracteriza como uma dimensão importante para os mais variados povos, implicando nos

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço eletrônico: teus33@yahoo.com.br

mais diferentes costumes, condutas morais, nas vestimentas entre tantos condicionamentos. O mesmo acontece com a história da filosofia, de algum modo os sistemas filosóficos refletem a problemática do Absoluto. Desde os tempos antigos até os tempos hodiernos.

O caminho feuerbachiano inicia com a tematização de Deus, através dos estudos de teologia. Num segundo momento, torna-se hegeliano convicto, que ele caracteriza como um momento racional. Por fim, seu toque de originalidade, a redução de Deus ao homem, nessa última perspectiva é conferido ao homem a centralidade do seu pensar.

Para Feuerbach, a consciência, que o homem apresenta de sua essência, aponta para a infinitude; pois ela pode ser o objeto de si mesmo. Diante do desenvolvimento da sua consciência a partir das coisas, o homem desenvolve consciência de si e do seu gênero. Assim, o homem vai descobrindo sua essência, que ainda o é desconhecida.

A religião é o processo em que o homem objetivou a sua essência, para fora de si, como um outro ser (Deus). Na sua crítica à religião, Feuerbach, está em busca da desmistificação da essência e da consciência humana. A desmistificação se torna um processo de desalienação da essência humana, que se dá através da redução: de Deus ao homem; e da teologia à antropologia.

Segundo Freitas, “Reduzir é demolir, mas é também recuperar uma realidade alienada, a realidade humana (...) Por isso, a crítica da religião não é um fim em si mesmo. É apenas o desvio necessário para que o homem possa acender ao conhecimento de si mesmo”. (FREITAS, 1993, p.37).

O homem ao falar de Deus, fala de si mesmo, “A consciência que o homem tem de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo”. (FEUERBACH, 1988, p.55). O próprio Feuerbach descreve em linhas gerais o que ele se propôs, com a sua crítica à religião:

Minha intenção era mostrar que os poderes diante dos quais o homem se curva e os quais teme na religião, diante dos quais não se intimida nem mesmo de praticar sangrentos sacrifícios humanos a fim de aplacá-los são apenas criações de sua própria afetividade servil e medrosa, assim como de sua razão ignorante e inculta; mostrar que o ente diante do qual o homem se coloca na religião e na teologia, como um ser distinto dele próprio, é sua própria essência, para que o homem, uma vez que é sempre dominado inconscientemente só por sua própria essência, faça no futuro, conscientemente, de sua própria essência, isto é, da essência humana, a lei e o fundamento, a meta e o critério de sua moral e de sua política. E assim será, assim deverá acontecer. Se até agora foi a religião desconhecida, a nebulosidade da religião o princípio supremo da política e da moral, irá de agora em diante, ou um dia ao menos, a religião conhecida, resolvida no homem, determinar o destino dele (FEUERBACH, 1989, p.23).

O objetivo de Feuerbach é devolver ao homem o que é mais importante para ele, a sua essência, que está perdida. Nisto consiste a redução, em cessar a ideia de Deus, para que o homem toma consciência de sua essência genérica. Por isso, é necessário dar ao homem a consciência de sua alienação, para que transforma a sua realidade, num processo de desalienação.

Feuerbach busca reduzir Deus ao homem, ou seja, mostrar que Deus não passa da consciência humana (gênero humano). Segundo o pensador, tendo reduzido Deus ao homem, como consequência, tudo o que se falou até hoje na teologia a cerca de Deus era na verdade sobre o homem, afirmando-se a redução da teologia à antropologia.

O HOMEM É O CENTRO DA RELIGIÃO

Feuerbach caracterizou a religião como “a consciência do infinito”. (FEUERBACH, 1988, p.23). Mas, “A consciência do infinito não é nada mais que a consciência da infinitude da consciência”. (FEUERBACH, 1989, p.23). A infinitude de Deus afirmada pelas religiões, não é de Deus, pois é a infinitude da consciência da própria essência humana; que se encontra no homem e não em Deus. Deste modo, o que é tido como consciência de Deus é na verdade consciência de si mesmo (autoconsciência).

Como afirmado anteriormente, o homem é o único animal capaz de apresentar a crença em Deus, o que torna a religião algo especialmente humano. A sua razão de existir está ligada ao homem, o homem é o fundamento da religião. Mas o próprio Feuerbach afirma, “... a essência do homem, em contraste com a do animal, não é apenas o fundamento, mas também o objeto da religião”. (FEUERBACH, 1989, p.23). O homem sendo o fundamento da religião confere a ela a sua essência, a essência humana que se torna o objeto da religião. A essência divina é a essência do homem.

Tudo isso, graças à consciência do gênero, que permite ao homem tomar a sua essência como objeto da consciência. O homem concreto acabou objetivando sua essência (gênero) para fora de si como um ser subsistente, que é Deus. Conferindo a Deus a categoria de entidade supra-humana, independente e distinta do homem. Para Feuerbach, Deus e homem são uma única coisa, pois ambos têm a mesma essência.

“Com isso, na consciência humana, emerge a tensão fundamental entre o eu (indivíduo singular e finito) [indivíduo] e a espécie homem (infinitude). A religião nasce onde

o homem considera essa sua essência como separada de si como Deus. Neste caso Deus é a projeção daquilo que o homem deseja ser. Nada mais”. (ZILLES, 2004, p.106). Essa é a gênese da religião, o estranhamento do indivíduo em relação ao gênero humano, o que causa uma tensão no homem. Pois, o homem não se reconhece como participante do gênero.

O estranhamento do homem individual diante de sua essência, leva-o a uma realidade hipostasiada, projetada

... para fora de si, num outro que a sua imaginação produz, uma subjetividade que originariamente lhe pertence, uma atividade de que abdica, um patrimônio genérico essencial que partilha com os outros homens e que, mediante este processo de alienação é transferido para uma instância misticamente, miticamente, transcendente (BARATA-MOURA, 1993, p. 67).

O homem coloca em Deus não só os desejos, mas também a sua essência e a sua subjetividade. As suas riquezas agora se tornam as de Deus.

A compreensão do fenômeno religioso, em Feuerbach, não se dá apenas na tentativa de dizer o que é Deus; mas em revelar porque o homem cria a Deus. Para Fetscher, há duas maneiras de surgir o fenômeno religioso:

Uma intelectual, que consiste na incapacidade dos indivíduos para adquirir até o infinito as propriedades da espécie humana, que está se aperfeiçoando infinitamente, e que, partindo destes predicados, os leva a hipostasiar um sujeito no além; e uma sentimental, que consiste na incapacidade de se consolar de forma diferente na dor e na miséria, as quais estão relacionadas com a existência humana (FETSCHER, 1970, p. 259).

As incapacidades humanas são compensadas nesse ser além, que responde a todos os seus problemas, dores, angústias. O homem projeta em Deus sua essência e ao projetar-se o homem se aliena de si mesmo, causando uma cisão em si. Pois ele não tem a consciência de que Deus não passa da essência humana, da qual ele faz parte. A essência divina não é nada mais do que a essência humana, porém dela é retirada às limitações do homem individual.

Serrão afirma o caráter sentimental da relação com Deus:

Também o homem religioso deseja a plenitude da vida, mas enquanto ser sentimental e subjectiva, dominado pelo ânimo (*Gemüt*) e conduzido pelo coração (*Herz*), faz depender todo o sentimento da existência de uma relação afectiva e emocional ('a religião é essencialmente emoção') com um outro ser dotado de sentimento. É porque 'na religião o homem quer satisfazer-se em deus', que aceita submeter-se e empobrecer-se. Fá-lo, porém, na procura de uma compensação, a troco de um reconforto afectivo, que sente não poder ser cumprido, nem no plano do

conhecimento e da teoria, nem numa vaga e anônima relação com o gênero (SERRÃO, 1993, P.16-17).

Deste modo, Deus não é criado somente por causa de um simples desconhecimento de sua essência, que acabará sendo hipostasiada; mas é a busca do homem que se sente desamparado diante de suas limitações individuais, acaba não conseguindo superá-las no conhecimento e na relação com o seu gênero, que pode parecer abstrato. Assim, concretizá-lo em Deus pode ser mais conveniente, é mais fácil. Pois, suprime as necessidades humanas (Deus está a acompanhar as pessoas não deixando faltar nada a alguém).

O homem afirma em Deus o que ele nega em si, pois enquanto mais o homem engrandece a Deus, mais ele empobrece a si. Projeta em um ser ideal (irreal) suas qualidades, que são negadas a si mesmo. O homem reserva a si o que há de mais baixo e se considera um nada frente a Deus. “O homem afirma em Deus o que ele nega em si mesmo”. (FEUERBACH, 1988, p.69). Pois, de tudo que o homem for privado, terá ele em Deus de forma maior e mais rica.

Como foi afirmado por Fetscher, o sentimento é outra fonte de alienação, o homem sente necessidade de objetivar seus sentimentos. O homem se vê obrigado a voltar-se para o próprio interior, pois a natureza se mostra insensível as suas dores. Deste modo, o homem encontra em si o alívio para os sentimentos, mas pensando ser Deus.

É nessa perspectiva que podemos afirmar, segundo o autor [Feuerbach], que a irrealidade religiosa tem o seu começo fora da consciência, pois brota de uma relação sofrida do homem com a existência. Assim, termos como infelicidade e carência, como indigência e miséria acentuam o sofrimento e a passividade como a raiz e a origem da alienação religiosa (HAHN, 2003, p. 115).

Deus serve como meio para compensar a infelicidade, uma consolação psicológica.

Mas, é na tensão entre o querer, ser e poder que surge o sentimento de finitude, sendo a origem de todo o sofrimento. Porém, essas limitações são apenas do homem individual e não pertence ao gênero humano, que é infinito.

Muitos atributos da essência humana, o homem nega em si para ter em Deus: um exemplo é a bondade, em contrapartida para Feuerbach a religião insiste em afirmar que o homem é mau, perverso, corrompido e em compensação Deus é suma bondade, nele reside o que pode haver de maior bondade. O homem colocará esses atributos, neste caso a bondade, em Deus, de forma inconsciente; pois, essa consciência que o homem tem de Deus é consciência de si, mas de forma indireta, ou seja, atribui a Deus o que é seu sem saber. Deste

modo, o homem individual é diferente de Deus. Sob certo sentido, pode-se dizer que Deus e o homem têm propriedades opostas:

Deus não é o que homem é, o homem não é o que Deus não é. Deus é o ser infinito, o homem o finito; Deus é perfeito, o homem imperfeito; Deus é eterno, o homem transitório; Deus é plenipotente, o homem impotente; Deus é santo, o homem pecador. Deus e homem são extremos: Deus é o unicamente positivo, o cerne de todas as realidades, o homem é o unicamente negativo, o cerne de todas as nulidades (FEUERBACH, 1988, p.77).

O homem se aniquila diante de Deus, seus sentimentos fazem com que não veja como de fato a sua essência é, mas como acredita ser. Fica claro, que em Deus estão projetados os desejos do homem e a sua essência (gênero humano) e não apenas de um indivíduo. Deus e o indivíduo residem em extremos, mas Deus e a essência são em ambos os casos a mesma. Porém, qualquer oposição entre o gênero humano e Deus, é uma ilusão; que não passa da oposição que existe entre o indivíduo humano e a essência humana objetivada (que está enriquecida).

É notável a identidade que existe, para Feuerbach, entre o sujeito e o objeto (finito e infinito), a identidade do suposto objeto da religião (Deus), com o sujeito, que é o homem. O autor chega a afirmar, que apenas para um pobre existe um Deus rico, pois projeta o que há de mais importante para si em Deus. Do modo como cada pessoa concebe a Deus, conheceremos as pessoas; pois são seus atributos que estão em Deus. Quando se fala em Deus, não se está a falar de Deus, mas de si mesmo.

Como o homem pensar, como for intencionado, assim é o seu Deus; quanto valor tem o homem, tanto valor e não mais tem o seu Deus. A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus o conhecimento que o homem tem de si mesmo. Pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa (FEUERBACH, 1988, p. 55).

Assim, quando o homem se coloca a falar de Deus, está ele a falar de si mesmo, da essência humana. Pois, o segredo de Deus é o do homem. Como o homem pensar será seu Deus. Do mesmo modo, o filósofo grego, Xenófanes já dissera e Feuerbach reafirma; caso Deus fosse objeto para um pássaro, ele seria alado. Ele atribuiria a Deus o que lhe mais é necessário, objetivando sua essência no mais alto grau de perfeição.

Feuerbach quer acentuar o caráter do antropomorfismo em Deus; muito embora, para o autor não se possa compreender um Deus sem predicados, pois um suposto Deus sem predicados não existe, como do mesmo modo um homem sem predicados não existe.

Para Feuerbach, "... uma qualidade não é divina pelo fato de Deus a possuir, mas Deus a possui porque ela é divina em si" (FEUERBACH, 1988, p. 64), ao que o homem atribui mais valor, o que lhe causa mais dependência, então isso é hipostasiado. Esses atributos estão presentes apenas na humanidade, no gênero, porém elas estão presentes no homem individual enquanto participante da essência humana. O homem diante de seus sofrimentos, de suas fraquezas encontra em Deus poderes infinitos, mas Deus é dotado de qualidades não diferentes das que a essência humana possui.

Com a redução de Deus ao homem, o homem (gênero) assume o lugar de Deus, tornando-se o ser mais elevado, o homem é Deus para o homem; "Homo homini Deus est ...". O homem não pode mais estar submetido a leis divinas, que o amarrem e o distancie do terreno.

Mas o que é para a religião o primeiro, Deus, é em si, como foi demonstrado, quanto à verdade o segundo, pois ele é somente a essência objetivada do homem, e o que é para ela o segundo, o homem, deve, portanto, ser estabelecido e pronunciado como primeiro (FEUERBACH, 1988, p.309-310).

O valor que é dado a Deus deve ser dado ao homem, pois em questão valorativa o homem é anterior a Deus.

O homem religioso, segundo Feuerbach, é aquele que diante da cisão entre ele e sua essência, vive como se a distinção entre o indivíduo e a essência não existisse, ou melhor, vive como se Deus, a projeção de seus atributos realmente existisse. O homem religioso não apresenta a consciência dessa distinção, aceitando que os atributos de sua essência, que estão fora de si, sejam realmente uma realidade subsistente.

A experiência religiosa nasce do vazio ou da tensão entre realidade e idealidade, existência e possibilidade, do defasamento entre o sentimento da finitude e a tendência para sua separação. Deus é apenas o nome do ser ideal que satisfaz os desejos humanos – é a soma dos desejos do coração (SERRÃO, 1993, p.17).

Mesmo com a capacidade ilimitada do homem de fantasiar, Deus se mostra superior a uma mera produção da fantasia; pois se está a falar de uma alienação da essência humana e não de uma pura invenção. A alienação compromete a identidade humana, pois acontece uma

desapropriação da essência humana. Ela não é mais do homem, para o religioso, e sim de Deus. Porém, Deus que é irreal (criação humana), detêm predicados reais, na verdade Deus é como um espelho do homem, enquanto gênero.

Deus é o espelho do homem; pois, em Deus o homem vê a sua essência. Mas, na analogia do espelho há uma relação de reciprocidade, pois Deus se torna espelho do homem, no sentido de que ele é produzido pelo homem, e o homem é o espelho de Deus, enquanto ele possui a essência do homem, apresentando os mesmos atributos do homem. Para Feuerbach, essa alienação causada não passa de tomar como Deus, aquilo que não é a expressão do homem.

Nessa fase religiosa do homem, ele se vê ainda de um modo imperfeito. Pois a religião corresponde a um estado de infância, de uma inconsciência, de uma cultura primitiva. Que será superada com a antropologia, ou seja, uma nova filosofia.

No Cristianismo e no homem religioso conseqüentemente, segundo Feuerbach², tem-se uma tripla ocultação. A primeira seria o mascarar do agir humano como um agir divino; o homem esconde suas ações e escolhas em Deus, ele é o responsável por suas ações e não Deus. O segundo é projetar os predicados humanos numa essência divina e exterior; o homem coloca para fora de si sua essência. Por fim, na terceira ocultação, a noção de essência humana é restringida à concepção finita e limitada do indivíduo, colocando de lado a dimensão genérica e comunitária (infinita e ilimitada), ou seja, o homem é empobrecido e só se compreende enquanto indivíduo e não mais como gênero.

Para Feuerbach, o homem religioso não dá a devida importância para o que é terreno, para as coisas concretas: “O céu nada mais é do que o conceito do que é verdadeiro, bom, válido, daquilo que deve ser; a terra nada mais é do que o conceito do que é falso, ilegítimo, daquilo que não deve ser...” (FEUERBACH, 1988, p.209). Essa é a mentalidade criada pela religião nos homens. Como pode ser visto, Feuerbach “humaniza-a [a religião] e modifica-lhe o conteúdo, expurgando-a de tudo quanto não seja sensível e concretamente humano”. (BARATA-MOURA, 1993, p.43).

² Cf. MARQUES, V. S. Religião e historicidade em A Essência do Cristianismo. In: BARATA-MOURA, J; MARQUES, V. S. (ORG) **Pensar Feuerbach**: colóquio comemorativo dos 150 anos da publicação de A Essência do Cristianismo. Lisboa: Colibri, 1993. p.116.

REDUÇÃO DA TEOLOGIA À ANTROPOLOGIA

No pensamento feuerbachiano, Deus é o resultado da alienação humana. O homem individual acabou projetando para fora de si sua essência e seus desejos. O que Feuerbach quis afirmar com sua crítica à religião é que não foi Deus quem criou o homem, como narra o Gênesis; mas “o homem criou Deus à sua imagem e semelhança”. (FEUERBACH, 1988, p.158).

Essa é a centralidade de seu pensar, a redução de Deus ao homem. Consequentemente, tudo o que se havia dito a cerca de Deus e da teologia estava se falando do homem. A história da teologia é a história de como o homem viu a sua essência objetivada através dos tempos. Quando se está a falar de Deus não se está a falar de um outro mundo, não são segredos que vem de outro mundo, mas é a essência humana sendo manifestada de forma indireta.

Consequentemente, a teologia não passa de uma antropologia, teologia é antropologia. Esta afirmação rege todo o pensamento Feuerbachiano.

Mas estou longe de atribuir à antropologia uma importância insignificante ou apenas subordinada, uma importância que só lhe seja devida enquanto uma estiver acima dela e contra – ao reduzir a teologia à antropologia na verdade elevo a antropologia para a teologia assim como o cristianismo que, ao reduzir Deus ao homem, fez do homem um Deus, certamente um Deus afastado do homem, transcendente e fantástico – assim como a palavra antropologia, o que é automático, não no sentido da filosofia hegeliana ou de até agora em geral, mas num sentido infinitamente mais elevado e geral (HAHN, 2003, p 67-68).

Através da redução, Feuerbach, quer dissolver o mundo religioso, reconduzindo o homem a sua temporalidade, a sua mundaneidade; isso com o seu projeto de libertação do homem em relação a Deus; o que revela que o projeto de redução não é só negativo, mas pretende construir um novo homem e uma nova religião.

Em seu pensamento, essa redução apresenta uma dupla fundamentação: uma antropológica e outra religiosa. A posição feuerbachiana, claramente intitula as duas partes de seu livro “*A essência do cristianismo*”; a primeira parte do livro leva o título de “*A essência verdadeira*”, isto é, antropologia da religião, ele expõe o seu conceito de religião. A segunda parte da obra é intitulada de “*A essência falsa, isto é, teológica da religião*”, agora revela os erros e distorções que as crenças religiosas trouxeram. Feuerbach utiliza uma dupla fundamentação, a forma antropológica, que é a forma autêntica de religião; e através da

dimensão teológica da religião, que a forma inautêntica de religião, pois não passa da projeção do homem. O próprio Feuerbach anuncia:

Na primeira parte mostro que o verdadeiro significado da teologia é a antropologia, que entre os predicados da essência divina e humana (...) não há distinção, são idênticos; na segunda parte mostro que a distinção que é feita entre os predicados antropológicos e teológicos, ou melhor, deve ser feita, dissolve-se no nada, num *non sense* (FEUERBACH, 1988, p.30).

Entre a teologia e à antropologia, não existe diferença de conteúdo, apenas diferença de compreensão e de linguagem. Pois ambas compreendem e falam do homem de modo diferente. Isto é o que afirma Freitas a respeito dessa concepção feuerbachiana:

Subsiste, contudo uma diferença, que não é essencial, pois não afecta o conteúdo, apenas a forma. É que a teologia transpõe para o registro do imaginário a realidade humana. Enquanto a teologia se situa numa dimensão irreal, fantástica, a antropologia procura apreender o homem na sua situação concreta, no seu universo real. A diferença entre uma e outra reflete a oposição entre a realidade e a representação, sendo esta relegada para o domínio do imaginário e do sonho. A teologia move-se num universo de projeção sem outro conteúdo que não seja o das frustrações reais, mas sem disso se aperceber. Transpondo o real para o sonho, ao mesmo tempo que o transfigura, torna-o irreal (FREITAS, 1993, p.37).

No pensamento feuerbachiano a única forma para superar a religião é através da antropologia. A antropologia é o termo que resume a nova filosofia, que não passa da religião que toma consciência de si mesma. Deste modo, ela se compreenderá e a religião como se compreende hoje acabará se dissolvendo. Pois, a religião não estará mais a serviço de Deus, para se colocar a serviço do homem.

A tarefa da filosofia é dar ao homem consciência de si, revelando que a teologia é antropologia inconsciente de si. Isso acontecerá quando o homem tomar consciência de sua essência genérica.

UM HUMANISMO ATEU

A desalienação que acontece com o homem, em virtude da tomada de consciência da sua essência; faz com que o homem negue a sua própria negação. Para que o homem seja quem ele é, faz-se necessário decretar o fim de Deus, que na verdade não passa da projeção

humana. Com o fim de Deus está decretado o fim da religião como concebemos. Pois, acontece à tomada de consciência da essência perdida do homem. O que acabará abrindo espaço para uma postura ateísta. Pois

... o ateísmo emerge como o postulado que vai tornar possível uma construção futura da humanidade digna do próprio homem. A verdadeira realização do homem encontra no ateísmo sua mediação necessária e a negação de Deus se faz em virtude da afirmação do humanismo do homem (SOUZA,1993, p.72).

Conforme ocorre o processo de redescoberta da essência humana, o ateísmo vai se construindo. À medida que o homem consciente de si vai surgindo, desperta consigo o ateísmo.

Feuerbach não nega os atributos e as qualidades da atividade, que de fato existem; porém elas não pertencem a Deus, como se acredita, mas ao homem. O pensador acaba negando Deus apenas no sentido tradicional, como uma entidade. Por isso, ele pode ser considerado um ateu, no sentido que nega a crença num Deus transcendente e pessoal, conforme a tradição cristã.

Instaura-se um ateísmo antropológico, em que toda fundamentação está sobre o homem. O homem é o centro e o ponto inicial de toda a reflexão filosófica. Então, para que o homem seja quem de fato ele é, surge a necessidade de por fim a sua criação (Deus).

É notório perceber que, segundo alguns críticos, o pensamento feuerbachiano jamais tenha assumido uma clara postura materialista. “Torna-se imperfeito querer entender corretamente o pensamento de Feuerbach, definir o seu materialismo que, em várias passagens, muda de tonalidade...” (NOGUEIRA, 1989, p.118). Outro ainda afirma:

Mas Feuerbach jamais chegou ao materialismo, à redução do espírito à matéria, da alma ao corpo. O que lhe interessa é reivindicar, da forma mais enérgica, a integralidade do homem, que é puro espírito ou pensamento, como também não é pura matéria (ABBAGNANO, 1970, p.249).

Embora, este seja um posicionamento controverso entre os comentadores.

Feuerbach, ao reduzir Deus e a religião a pura projeção humana, acaba dando margem a um humanismo ateu, ou seja, um ateísmo antropológico; pois Deus cede o lugar de divindade ao homem, ao gênero humano. O humanismo feuerbachiano manifesta-se de forma excludente, em que será necessário sempre excluir alguém para a existência completa do outro; Deus ou o homem.

O ateísmo antropológico, por sua vez, tem uma expressão clara pela primeira vez ao longo de toda a história, com Feuerbach. Através da negação de Deus, o homem encontra a sua liberdade, sua identidade; pois, tomará como sua a essência genérica. Assim, Feuerbach, confere o verdadeiro valor à humanidade. “Nesta concepção, a negação de Deus segue a afirmação do homem e de sua liberdade” (HAHN, 2003, p.77).

O fato de Feuerbach direcionar o homem a descobrir seu lugar na vida e mostrar o verdadeiro valor da humanidade, da essência humana e a valorização dessa vida; são as marcas do humanismo feuerbachiano.

Nesse sentido, a proposta filosófica de Feuerbach demonstra que o ponto de partida de qualquer reflexão filosófica não é o pensamento, mas, pelo contrário, o objeto sensível. Já esta nova filosofia requer um ateísmo, entendido como a busca de uma volta aos valores da vida (HAHN, 2003, p.79).

Deste modo, Feuerbach exalta a importância do outro, pois na relação social o homem retomará aquilo que está perdido, a consciência da humanidade.

No seu humanismo ateu o homem toma posse de sua essência, ou seja, afirma-se realmente como ele é, apenas quando estiver superada a projeção humana. Deste modo, o ateísmo se faz necessário para libertar o homem.

O ateísmo é o caminho, para afirmar a essência do homem. Restituindo ao homem o que é seu, a sua divindade. Os atributos de Deus não são negados, apenas transferidos aos homens, pois “Deus é apenas o nome do ser ideal que satisfaz os desejos humanos”. (SERRÃO, 1993, p.17). Nogueira descreve a importância do humanismo feuerbachiano:

Seu humanismo, todavia, glorificou o homem, atribuindo-lhes valores que poucos o conseguiram na história do pensamento. Somente com essa atitude, seu nome conseguiu sacudir o século XIX e granjear a admiração dos que buscam alcançar a realidade, mesmo que esta, nas formulações que elaborou, muito há que se desejar. Mas se o pensamento, fruto da sociedade, é uma força que está em constante renovação, como desejar que o engenho humano possa torná-lo definitivo? Se assim fosse está concluído o saber humano. Feuerbach não poderia jamais constituir uma exceção. Foi por isso que ele traduziu a grandeza de um pensador que atravessou os tempos e atraiu a consciência dos que amam a reflexão e procuram estudar o homem e a sociedade como valores permanentes (NOGUEIRA, 1989, p.141).

Essa é proposta feuerbachiana de um humanismo ateu, que faça do homem o Deus do homem. Que seja consciente de sua essência, que tenha a consciência do gênero. Pois, Deus “... trata-se de uma projeção, à qual se concede existência real quando seu único conteúdo é o do pensamento” (ESTRADA, 2003, p.154)

CONCLUSÃO

O pensamento de Feuerbach apresenta uma considerável importância na história da filosofia. Mas, mesmo em vida, poucos reconheceram sua figura, nem mesmo os historiadores de sua época, um dos poucos foi Marx.

As marcas do pensamento filosófico de Feuerbach transcendem a sua época.

Tornou-se o pai do ateísmo moderno. Sua influência passa, através de K. Marx, F. Engels, M. Stimer e F. Nietzsche até concepções imanentistas do homem nas filosofias contemporâneas, na ideia de que o homem só é homem na relação com o tu anunciam-se, outrossim, motivos das filosofias da existência e do personalismo contemporâneos (ZILLES, 2004, 118-119).

Segundo o pensamento de Feuerbach, o caminho ao transcendente está fechado. Por isso, é tido como ateu, pois nega o Deus transcendente. Desaparece Deus, dando espaço para o homem, que é senhor de si. Entretanto, Feuerbach em sua proposta de redução não nega a divindade enquanto qualidade e como atributo. Porém, os atributos de Deus, não são de Deus; mas do gênero humano, é a essência humana. Pertencem ao homem, não ao individual, mas o genérico que toma o lugar de Deus. Deste modo, o amor a Deus deve ser substituído pelo amor ao homem.

Há uma hermenêutica da religião em Feuerbach que propicia olhar para a religião e encontrar o homem. É a tentativa de reintegrar o homem em si mesmo. Ou seja, Deus e a teologia são reduzidos ao homem e a antropologia, esta é a proposta de redução religiosa de Feuerbach.

Assim, o homem está libertado de sua alienação. Agora ele deve ser livre, buscar a sua identidade, valorizar o concreto em virtude da inexistência de um mundo além deste. Esta é a proposta que perpassa todo seu pensamento, como ele mesmo afirma:

Com estas palavras, meus senhores, concluo estas preleções e desejo apenas que o objetivo que me propus nestas preleções, numa das primeiras aulas, não tenha sido deixado de lado, ou seja, o objetivo de fazer de vós, de amigos de Deus amigos do homem, de pensadores crentes e rezadores trabalhadores, de candidatos ao além estudantes do aquém, de cristãos (que, segundo sua própria confissão, são 'meio animal, meio anjo') homens completos (FEUERBACH, 1989, p.237).

Pôr fim à alienação humana concedendo ao homem a humanidade que o é devida. Esse ato de libertação acontece pela emancipação da consciência, que estava perdida em Deus, mas é resgatada pelo homem.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **História da Filosofia**. Lisboa: Editora Presença, 1970. v. 9.

BARATA-MOURA, J; MARQUES, V. S. (Org.) **Pensar Feuerbach**: colóquio comemorativo dos 150 anos da publicação de A Essência do Cristianismo. Lisboa: Colibri, 1993.

ESTRADA, J. A. **Deus nas tradições filosóficas**: da morte de Deus à crise do sujeito. São Paulo: Paulus, 2003. v. 2.

FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. São Paulo: Papyrus, 1988.

_____. **Preleções sobre a essência da religião**. São Paulo: Papyrus, 1989.

_____. **Princípios da filosofia do futuro**. Lisboa: edições 70, 2002.

FREITAS, M. da C. O ateísmo hermenêutico de Feuerbach. In: BARATA-MOURA, J; MARQUES, V. S. (Org.) **Pensar Feuerbach**: colóquio comemorativo dos 150 anos da publicação de A Essência do Cristianismo. Lisboa: Colibri, 1993.

HAHN, P. **Consciência e emancipação**: uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach. São Leopoldo: Nova harmonia, 2003.

NOGUEIRA, A. **Poder e humanismo**: o humanismo em B. Spinoza, o humanismo em L. Feuerbach e o humanismo em K. Marx. Porto Alegre: Sérgio Fabris, 1989.

SERRÃO, A. V. Da razão ao homem ou o lugar sistemático de A Essência do Cristianismo. In: BARATA-MOURA, J; MARQUES, V. S. (Org.) **Pensar Feuerbach**: colóquio comemorativo dos 150 anos da publicação de A Essência do Cristianismo. Lisboa: Colibri, 1993.

SOUZA, D. G.de. **O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

ZILLES, U. **Filosofia da Religião**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2004.